



345

## **Entraves e tensionamentos paradigmáticos na contabilidade: relatos de uma pesquisadora não mainstream**

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Vagner de Oliveira Magrini [ORCID iD<sup>1</sup>](#), Doutor/Ph.D. Marli Auxiliadora Da Silva [ORCID iD<sup>1</sup>](#), Doutor/Ph.D. Sandra Maria Cerqueira da Silva [ORCID iD<sup>2</sup>](#), Aluno Doutorado/Ph.D. Student Eduardo Codevilla Soares [ORCID iD<sup>3</sup>](#)

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brazil. <sup>2</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brazil. <sup>3</sup>Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brazil

**Aluno Doutorado/Ph.D. Student Vagner de Oliveira Magrini**

[0000-0002-5845-5249](#)

**Programa de Pós-Graduação/Course**

Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis - FACIC - UFU

**Doutor/Ph.D. Marli Auxiliadora Da Silva**

[0000-0002-0810-1127](#)

**Programa de Pós-Graduação/Course**

Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis - FACIC - UFU

**Doutor/Ph.D. Sandra Maria Cerqueira da Silva**

[0000-0002-4738-3040](#)

**Aluno Doutorado/Ph.D. Student Eduardo Codevilla Soares**

[0000-0002-6808-8729](#)

**Programa de Pós-Graduação/Course**

Programa de Pós Graduação em Ciências Contábeis - FACIC - UFU

### **Resumo/Abstract**

O objetivo deste estudo foi identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de novas pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática. São utilizados, para tanto, os conceitos teóricos de campo, habitus e capital de Pierre Bourdieu. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa crítica, com o uso da abordagem qualitativa e como procedimento foi realizada uma entrevista em profundidade com uma pesquisadora não mainstream. Os principais achados revelaram dificuldades enfrentadas pela entrevistada no relacionamento acadêmico com professores e colegas da pós-graduação por não utilizar o paradigma positivista na sua pesquisa. Há também relato sobre os entraves para a divulgação da sua pesquisa em congressos e em periódicos da área, onde por vezes não recebia sequer um parecer. Em outro episódio a entrevistada comenta sobre não ter conseguido uma bolsa de estudo com a justificativa que sua pesquisa não tratava de contabilidade. Essas dificuldades reforçam



que a dominação do campo de pesquisa contábil pelo paradigma funcionalista positivista e a manutenção do status quo, tanto para aqueles que estão em posição de dominação no campo, tanto para outros, que prezam por essa continuidade, para que possam entrar no campo e conquistar seu espaço. Ao identificar essas dificuldades, o artigo procura contribuir para a superação de tais dificuldades ao compreender como o pensamento e as ações ligados ao mainstream reproduzem preconceitos e tentam invisibilizar as perspectivas que buscam ampliar o horizonte teórico e metodológico da pesquisa contábil.

**Modalidade/Type**

Artigo Científico / Scientific Paper

**Área Temática/Research Area**

Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the Organizational and Accounting Context



## ENTRAVES E TENSIONAMENTOS PARADIGMÁTICOS NA CONTABILIDADE: RELATOS DE UMA PESQUISADORA NÃO *MAINSTREAM*

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de novas pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática. São utilizados, para tanto, os conceitos teóricos de campo, habitus e capital de Pierre Bourdieu. Metodologicamente trata-se de uma pesquisa crítica, com o uso da abordagem qualitativa e como procedimento foi realizada uma entrevista em profundidade com uma pesquisadora não *mainstream*. Os principais achados revelaram dificuldades enfrentadas pela entrevistada no relacionamento acadêmico com professores e colegas da pós-graduação por não utilizar o paradigma positivista na sua pesquisa. Há também relato sobre os entraves para a divulgação da sua pesquisa em congressos e em periódicos da área, onde por vezes não recebia sequer um parecer. Em outro episódio a entrevistada comenta sobre não ter conseguido uma bolsa de estudo com a justificativa que sua pesquisa não tratava de contabilidade. Essas dificuldades reforçam que a dominação do campo de pesquisa contábil pelo paradigma funcionalista positivista e a manutenção do status quo, tanto para aqueles que estão em posição de dominação no campo, tanto para outros, que prezam por essa continuidade, para que possam entrar no campo e conquistar seu espaço. Ao identificar essas dificuldades, o artigo procura contribuir para a superação de tais dificuldades ao compreender como o pensamento e as ações ligados ao *mainstream* reproduzem preconceitos e tentam invisibilizar as perspectivas que buscam ampliar o horizonte teórico e metodológico da pesquisa contábil.

Palavras-chave: dominação paradigmática; *mainstream*; entrevista em profundidade

### 1 INTRODUÇÃO

Ao realizar estudos no campo da contabilidade é possível perceber que a pesquisa é norteada por pressupostos epistemológicos que, segundo Hopper e Powell (1985), podem ser entendidos através do modelo categórico que divide os paradigmas utilizados na contabilidade em três: a) pesquisa crítica, b) pesquisa interpretativista, c) pesquisa *mainstream* (funcionalista). Cada paradigma utiliza diferentes teorias e métodos de análise da realidade social, que influenciam a condução da pesquisa e proporcionam variados entendimentos dos fenômenos estudados.

O paradigma funcionalista, apoiado na abordagem positivista, é, conforme Chua (1986), o mais utilizado na Contabilidade, e decorre dos estudos clássicos nos quais a realidade é tida como objetiva, concreta e unitária, devendo ser compreendida a partir de perspectivas empíricas e analíticas. Nesse paradigma se busca a produção de evidências e leis generalizáveis baseadas na objetividade e (Chua, 1986; Homero Junior, 2017b; Theóphilo & Iudícibus, 2005). Para Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) “os interesses inerentes a esse tipo de pesquisa são previsão e controle, conhecimento tecnicamente explorável, e explicação”.

Diferentes autores ao longo do tempo (Bilhim & Gonçalves, 2021; Hernández, 2018; Homero Junior, 2017ab; Lourenço & Sauerbronn, 2016; Major, 2017; Theóphilo & Iudícibus, 2005) evidenciam que há uma dominação das pesquisas positivas na produção do conhecimento contábil, e fazem críticas tanto às limitações dessas pesquisas quanto à pouca adoção de outras posturas teóricas e metodológicas no campo contábil, visto que os pesquisadores não se aprofundam nos demais paradigmas, reafirmando a hegemonia positivista.



De maneira geral, o campo científico em contabilidade no Brasil tem sido objeto de investigação e os estudos, como afirma Homero Júnior (2017a), revelam críticas quanto à diversidade temática, metodológica e epistemológica considerada baixa e com a prevalência de abordagem positivista a partir do início dos anos 2000. Para o autor, há ausência de uma linha consolidada de pesquisas interpretativas e críticas, bem como predomina “um caráter monoparadigmático” das pesquisas nessa área do conhecimento.

A concentração de pesquisas positivistas no campo contábil se dá por meio de diferentes tipos de tensões e entraves frente às tentativas de adoção de novas abordagens. Pode ser citado como exemplo dessas dificuldades na busca por pluralidade epistemológica nas pesquisas contábeis o fato de que, por vezes, os pesquisadores que iniciam a pós-graduação não encontram disciplinas que contemplem a discussão de outras abordagens de pesquisa, que não sejam a funcionalista/positivista, perpetuando a dominação que caracteriza o campo (Bilhim & Gonçalves, 2021). Em algumas situações também não há apoio dos orientadores na produção de pesquisas que fujam da abordagem positivista, como apontam os estudos de Homero Júnior (2017b) e Bilhim e Gonçalves (2021). Outro exemplo de dificuldade, também apontado pelos autores retro mencionados, que os pesquisadores de outras abordagens encontram no âmbito da contabilidade está relacionado à divulgação dos seus trabalhos, visto que as políticas de publicações das revistas contábeis prezam, na sua maioria, por pesquisas funcionalistas.

A presente pesquisa busca empiricamente, através de uma entrevista em profundidade, evidenciar as dificuldades enfrentadas por uma pesquisadora contábil ao optar por outro paradigma de pesquisa que não seja o dominante nas pesquisas contábeis.

Assim sendo, a pesquisa busca responder a seguinte questão: qual tratamento recebem propostas de pesquisas que optam por paradigma diferente do *mainstream* na contabilidade? O objetivo principal é o de identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de novas pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática.

Para responder à questão elaborada, com a elucidação de possíveis mecanismos de dominação e/ou embates no âmbito das pesquisas contábeis, serão utilizados nesta pesquisa os conceitos teóricos de campo, habitus e capital de Pierre Bourdieu. Tais conceitos oferecem uma base de sustentação para a discussão proposta, ao proporcionar um entendimento acerca da construção do campo científico e das disputas que acontecem no seu âmbito e caracterizam sua dinâmica social.

A dinâmica social, conforme explica Bourdieu (1989) acontece no interior de campos, que são espaços constituídos por agentes, cujas disposições específicas caracterizam o jeito de ser do campo, formando o que o autor denomina como habitus. Cada campo é composto por valores (capital) que lhe dão sustentação e é regido por disputas entre os agentes que procuram manter, acumular ou alterar os valores, criando relações de forças. Os agentes que detêm maior influência ou acúmulo de capital acabam por conquistar mais espaço e destaque dentro do campo, passando a dominá-lo.

A posição de cada agente dentro do campo acaba por determinar sua conduta individual e coletiva. Os agentes que buscam a manutenção do *status quo* estabelecido já conquistaram um espaço dentro do campo, ou tem pretensões de conquistar, seguem as regras do jogo sem questioná-las, pois, aceitam passivamente as coisas como elas são e procuram apenas criar, aumentar ou acumular capital dentro do campo. O jogo lhes é favorável, e eles, como dominantes, não desejam mudanças, como é o caso dos pesquisadores positivistas que, no âmbito da contabilidade, detém o domínio e conseqüentemente, agem no sentido de manter o habitus e a conformação do próprio campo (Bourdieu, 2004).

Por outro lado, há os agentes que não aceitam as regras estabelecidas e buscam alterá-las, subvertem o *status quo* e procuram por mudanças que ajudem a transformar o campo. Os





pesquisadores críticos e interpretativistas podem ser identificados como esses agentes que buscam transformar o campo, propondo novo habitus de pesquisa e ressignificação do capital circulante. Essa relação de conflito entre dominantes e dominados gera disputa por consolidação dentro do campo, em que ambos os lados buscam por diferentes formas de capital a procura de legitimação.

Considerando então os conceitos teóricos de Bourdieu acerca de campo, habitus e capital, e entendendo a pesquisa contábil como um campo constituído de relações objetivas e limites abstratos, formado por diversos agentes, caracterizado por regras próprias e aprendizados implícitos que moldam o jeito de ser do campo, que é dominado pelo paradigma funcionalista, faz-se necessária a identificação e compreensão das tensões e dos entraves sofridos por pesquisadores que optem por outros paradigmas, que não o dominante nas pesquisas contábeis.

O que esperamos com a presente pesquisa é levantar elementos que permitam compreender e evidenciar tensões e entraves sofridos por pesquisadores e pesquisadoras interpretativistas e críticos que se opõem ao paradigma predominantemente funcionalista das pesquisas nas ciências contábeis. Para somar à compreensão sobre o contexto das pesquisas no campo contábil - uma temática ainda pouco estudada- e, particularmente, compreender o contexto da acolhida a pesquisadores interpretativistas e críticos fora realizada uma entrevista em profundidade com uma pesquisadora com tal visão. Esperamos, com isto, apontar opções de caminhos para a ampliação paradigmática do campo da pesquisa contábil e dessa forma corroborar com Vogt, Silva e Valle (2021 p. 67) que argumentam que é:

[...] imprescindível uma ruptura por intermédio da conversão do olhar, de um novo olhar, de 'produzir' um novo homem, sendo necessária uma revolução mental, que envolva a mudança de toda a visão de mundo social. Para tanto, se não for pela quebra de paradigmas, como vamos produzir esse novo homem e novo olhar?

Sendo assim, o trabalho se justifica pela necessidade de se superar a dominação do paradigma positivista, visto que é um elemento limitante da compreensão ampla dos fenômenos contábeis (Bilhim & Gonçalves, 2021; Hernández, 2018; Homero Junior, 2017ab; Lourenço & Sauerbronn, 2016; Major, 2017). É essencial fomentar os aspectos que contribuem para a transformação e a ampliação do campo epistemológico contábil. Conhecer a trajetória formativa de pesquisadores e pesquisadoras interpretativistas e críticos auxilia a este intento, permitindo ainda compreender as relações de forças que atuam no campo, e os desafios, explícitos e latentes encontrados, o que por conseguinte, atua para ampliar e fortalecer as discussões acerca das mudanças paradigmáticas necessárias ao avanço do campo científico da contabilidade.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Conceitos de campo, habitus e capital na obra de Bourdieu

Ao longo de sua trajetória, o sociólogo francês Pierre Bourdieu investigou e analisou as ações sociais, entendidas como práticas sociais, com o objetivo de desvendar como a sociedade tenta reproduzir nos indivíduos as suas estruturas políticas, morais, éticas, dentre outras. Para tanto, desenvolveu três conceitos teóricos que se relacionam entre si, sendo eles: o campo, o habitus e o capital.

Para Bourdieu (2003) a sociedade é formada por campos, sendo cada campo um microcosmo social, ou seja, espaços constituídos por agentes – que podem ser indivíduos ou instituições – dotados de certa autonomia e possuidores de regras próprias, específicas do

espaço que integram. O campo possui limites abstratos, que são demarcados pelo interesse e investimento dos seus agentes, sendo mutável e carregado de histórias que ajudam a esclarecer sua composição. Considerado também como um sistema aberto, o campo interage, influencia e é influenciado por outros campos, por vezes mais amplos.

O funcionamento de um campo se dá através do entendimento das regras que o regem. As regras do campo são denominadas por Bourdieu como *nomos*, leis gerais que o governam. Como na formação de uma lógica, o entendimento das regras do jogo, ou *nomos*, vai se tornando algo natural, implícito para aqueles que já as conhecem. Porém, antes de se tornarem implícitas, os agentes, principalmente os iniciantes, precisam aprender as regras do jogo para poder jogá-lo. Só aqueles que sabem jogar o jogo, ou seja, aqueles que conhecem e seguem as regras do campo, são capazes de se sustentar no campo (Bourdieu, 1983).

A partir do estabelecimento das regras do campo é como se houvesse uma autorregulação do campo e de suas atividades, fazendo com que os agentes dentro dele e aqueles interessados em adentrá-lo, busquem sempre agir de acordo com as regras. O cumprimento das regras faz com que os agentes estabeleçam um acordo tácito no qual há o reconhecimento mútuo pelos atores que ali estão. Essa característica é nomeada por Bourdieu (1983) como *doxa*. Assim, a significação do campo só pode ser compreendida pelos agentes que atuam no próprio campo, pois só eles são capazes de reconhecer as regras e os valores expressos dentro do campo, ou seja, reconhecer a *doxa* estabelecida naquele campo (Thiry-Cherques, 2006).

As regras (*nomos*) que se tornam implícitas e criam um acordo tácito (*doxa*) entre os agentes, fazem com que o campo, em sua maioria, seja constituído de atores que pensam e agem de forma muito parecida. Elas são subliminarmente incorporadas pelos agentes que nem sequer percebem que foram acometidos por esses elementos que constituem o campo (*monos e doxa*) e que caracterizam o jeito de ser do campo, constituindo o que Bourdieu (2004) denomina como *habitus*.

O termo *habitus* foi adotado por Bourdieu para distinguir-se de outros conceitos usuais como hábito, costume, praxe, que não abarcam todos os elementos que constituem o conceito. O *habitus* carrega em si um sistema de disposições duráveis e transferíveis que catalisa o princípio gerador e organizador de práticas e de representações do campo (Thiry-Cherques, 2006). Sobre a origem do termo, Wacquant (2007, p. 5), explica que:

As raízes do *habitus* encontram-se na noção aristotélica de *hexis*, elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta.

Considerado como uma internalização das concepções criadas no campo, o *habitus* é a naturalização social da *doxa* estabelecida, de tal forma que a conduta dentro do campo seja orientada por ele. Assim, “[...] a relação do *habitus* com o campo compõe o próprio campo como substrato culturalmente internalizado (aprendido/apreendido) pelos agentes” (Medeiros, 2017, p. 110). O *habitus* funciona então, como um mecanismo de socialização em que valores e comportamentos são apreendidos, interiorizados e tidos como óbvios no interior de um dado campo. É também, o meio pelo qual as características intrínsecas do campo são repassadas pelos agentes que já integram o campo para aqueles que estão iniciando sua trajetória neste campo (Medeiros, 2017).

Bourdieu (2003, p. 125) define o *habitus* como sendo o:

Sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem



estar objectivamente em conformidade com os interesses objectivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim.

É importante ressaltar que o habitus não é algo concreto, mas sim subjetivo. Apesar de carregar a internalização das concepções criadas pelo campo e funcionar como um mecanismo de socialização em que valores e comportamentos são apreendidos, interiorizados e tidos como óbvios, o habitus é sujeito a diferentes variações de entendimento que dependem das vivências e dos valores que os indivíduos já carregam. Ao longo de suas vidas, os indivíduos passam por diferentes processos de socialização e naturalização do jeito de pensar e agir, a partir de experiências passadas que foram vividas por esses indivíduos em outros campos. Toda essa bagagem de vida influencia a maneira como esse ser entenderá e agirá em determinação do habitus do campo em questão (Wacquant, 2007).

Bourdieu (1983) destaca também que o habitus torna possível que uma resistência à estrutura do campo seja estabelecida por aqueles que consigam entender e distinguir suas características, pois esses agentes podem não aceitar de maneira passiva as disposições impostas pelo campo e procurar assim, subverter o sistema estruturado, ordenado e reproduzido pelo campo, evidenciando então que, apesar da tendência de homogeneização do campo, existem sempre disputas e buscas de transformação do habitus que o compõem.

É preciso ressaltar, no entanto, que o entendimento da configuração do habitus de um campo não é uma tarefa fácil. A maioria dos agentes incluídos no campo simplesmente absorve o habitus deste campo e o vivem sem terem o conhecimento e a reflexão devida para distinguir o processo de interiorização e naturalização social das disposições e concepções criadas pelo campo. Sobre a interiorização do habitus, Bourdieu (2004) esclarece que ela acontece em maior ou em menor grau tanto pelos agenciadores quanto pelos agenciados. O agenciador é aquele agente que tem maior influência dentro do campo e, por vezes, determina o que é considerado certo ou não, o que deve ou não ser feito dentro do campo, tendo assim domínio sobre alguns agentes, que são agenciados, ou seja, submetem-se a influência e ao domínio dos agenciadores, e ajudam a perpetuar, mesmo que inconscientemente, o jeito de ser do campo (Wacquant, 2007).

Deste modo, para Bourdieu (2004), um dos princípios fundamentais do campo é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes, caracterizada pela existência dos agenciadores e agenciados, dos dominantes e dominados. É através da estrutura do campo que determinados agentes conquistam espaço e se valem da sua influência e prestígio dentro do campo. O campo, que é constituído de características conscientes e inconscientes, fomenta a estruturação da estrutura que acaba sendo naturalizada e compartilhada pelos diferentes agentes. Da mesma maneira, a própria estrutura, por sua vez, alimenta seu processo de estruturação, caracterizando o que Bourdieu chama de “estruturas estruturantes” (Bourdieu, 1989, p. 34). Forma-se assim um ciclo, em que estruturação e estrutura se retroalimentam perpetuando as características do campo.

Os agentes que compõem as estruturas e que são eles mesmos elementos da estruturação não são, por vezes, capazes de contemplar com clareza todas as determinações do campo, sendo elas explícitas ou implícitas. Essa característica é o que Bourdieu denomina de *illusio*. Sobre esse aspecto, Thiry-Cherques (2006, p. 38) comenta que:

A *illusio* é o encantamento do microcosmo vivido como evidente, o produto não-consciente da adesão à *doxa* do campo, das disposições primárias e secundárias, o *habitus* específico do campo, da cristalização dos seus valores, do ajustamento das esperanças às possibilidades limitadas que o campo nos oferece.

No entanto, apesar da imersão dos agentes na *illusio*, a estrutura de relações, e consequentemente as formas pelas quais se dá a estruturação do campo, acabam por criar uma constante rivalidade entre os diferentes agentes, pois dependendo das conjunturas estabelecidas



há disputas por maior espaço dentro do campo e as próprias regras podem virar um objeto de disputa. Como afirma Bourdieu (2004, p. 29) “[...] o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo [...]”. Dessa forma, considerando a postura dos agentes e as diversas relações estabelecidas no interior do campo, a disputa por controle e legitimação (poder e capital) torna-se inevitável.

Assim, a estrutura das relações e as ações dos agentes tornam o campo um campo de forças em que a estrutura fomenta e constrange determinados agentes, fazendo com que as ações dos agentes tornem o campo também um campo de lutas no qual os agentes agem conforme suas posições na estrutura, tentando conservá-las ou transformá-las (Bourdieu, 2004). Os agentes detentores de maior poder e capital dentro do campo buscam a hegemonia e a manutenção do campo, objetivando o monopólio da autoridade que lhe outorga o poder de ditar as regras do jogo e também de fornecer e repartir capital dentro do campo. A conservação da ordem social estabelecida é de interesse desses agentes, que procuram através de diferentes estratégias, a depender a conjuntura do campo, manter ou aumentar sua posição de poder.

Por sua vez, os agentes que buscam por disposições diferentes daquelas que o campo exige correm o risco, “por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar” (Bourdieu, 2004 p. 29). Ao não aceitarem totalmente as regras impostas pela estrutura do campo, eles almejam uma mudança nas regras e na sua posição dentro do campo, subvertem a dominação imposta e buscam a transformação do campo.

Segundo Bourdieu (1989, p. 29), “não é possível apreender os espaços sociais de outra forma que não seja a de distribuições de propriedades entre indivíduos”, sendo as propriedades entendidas como ativos que são acumulados e incorporados socialmente, assumindo o papel de capital e fornecendo aos agentes que os detêm uma posição de destaque e legitimação dentro do campo. Deve-se compreender que o capital não tem sua formação única e exclusivamente baseada na economia, mas sim é formado através de uma estrutura social que considera os diversos aspectos e contextos do campo, mas sempre respeitando as características iniciais de propriedade e acumulação.

O capital pode ser constituído de diferentes formas, sendo as principais: o capital econômico, “que é convertido imediatamente em valor monetário, e pode ser institucionalizado a partir dos direitos de propriedade”; o capital social “feito a partir das conexões sociais, convertido em alguns momentos em capital econômico e institucionalizado em títulos de nobreza, por exemplo”; e o capital cultural “que pode ser convertido em capital econômico, e institucionalizado na forma de qualificações educacionais” (Bourdieu, 1989, p. 16). Há ainda o capital simbólico “geralmente chamado prestígio, reputação, fama etc., que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (Bourdieu, 1989, p. 134).

O funcionamento de cada campo determina quais as formas de capital são importantes para ele. “Os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço.” (Bourdieu, 2004, p. 24). Como a divisão desses capitais entre os agentes acontece de maneira desigual, as disputas são inerentes ao campo, assim como também a formação de uma hierarquia social no interior do campo, caracterizando sua estrutura.

Existe então uma condição relacional entre o campo e o capital pois “para construir o campo, é preciso identificar as formas específicas de capital que nele operam, e, para construir as formas específicas de capital, é preciso conhecer a lógica específica do campo” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 108). Os autores ressaltam ainda que, o capital à disposição dos agentes e sua acumulação só tem sentido a partir do reconhecimento dos seus pares. Ou seja, são os outros





agentes que legitimam o capital conquistado, sendo ao mesmo tempo concorrentes e validadores do capital em questão.

Diante desses pressupostos teóricos, a produção do conhecimento científico no âmbito da contabilidade constitui um campo, marcado por disputas entre pesquisadores que detêm maior capital e poder e pesquisadores que buscam transformar o *habitus* que direciona a estrutura e o funcionamento do campo.

A partir das leituras dos trabalhos de Theóphilo e Iudícibus (2005); Lourenço e Sauerbronn (2016); Homero Junior (2017); Major (2017); Hernández (2018); Bilhim e Gonçalves (2021) identificamos que o campo da pesquisa contábil situa suas relações de dominância na abordagem positivista/funcionalista, visto que os trabalhos aderentes a essa perspectiva representam tanto a maioria numérica quanto a hegemonia do prestígio e legitimidade dentro do campo. Isso porque as pesquisas positivistas, e conseqüentemente seus pesquisadores, são investidos de capital e poder acumulado ao longo do processo histórico de produção do campo, encontrando capilaridade nos periódicos científicos, nos currículos dos cursos de graduação, nos programas de pós-graduação, nas agências de fomento, nos principais eventos da área, enfim, em todos os meios de validação relevantes ao campo.

Em contrapartida, consideramos que as pesquisas de abordagem crítica e interpretativista são forças emergentes no campo da pesquisa contábil, visto que ainda são realizadas em quantidade menor quando comparadas com as positivistas, e não detêm reconhecimento e prestígio de forma hegemônica em todos os meios que constituem o campo.

É dessas diferenças de capital entre pesquisadores positivistas - agentes dominantes - e pesquisadores críticos e interpretativistas que são produzidas as disputas no interior do campo. Essas disputas visam a transformação do *habitus* que rege as regras do jogo, com o fim de acomodação de outras perspectivas a partir da busca de um reequilíbrio da distribuição de capital e poder no âmbito da pesquisa contábil.

## 2.2 O *mainstream* contábil: limitações e críticas

O *mainstream* pode ser entendido como resultado de uma tendência dominante no meio científico, capaz de gerar um conjunto uniforme de citações e publicações que visam o uso e a ampliação de determinada abordagem ou assunto sempre de maneira similar. Essa lógica possibilita o surgimento de uma ‘elite da profissão’, em que os pesquisadores que apresentam continuamente contribuições significativas para a área são considerados os construtores do *mainstream*, atribuindo assim, essa lógica de ‘elite’ difundida em nível das instituições e universidades (Colander, Holt & Rosser, 2004).

Em relação à ciência contábil, o *mainstream* que antes era normativo, deu lugar à abordagem positiva, “[...] popularizada por Friedman (1967) na década de 1950 em economia e passou a ser utilizada pela contabilidade no final da década de 1960 com o trabalho pioneiro de Ball e Brown (1968)” (Cardoso, Oyadomari & Mendonça Neto, 2007, p. 159). Logo em seguida estes trabalhos serviram como base para a fundamentação da Teoria Positiva da Contabilidade por Watts e Zimmerman, em 1986. A partir de então, o objetivo da teoria contábil passou a ser o de explicar e prever a prática contábil. Ainda conforme Cardoso, Oyadomari e Mendonça Neto (2007), explicar evidenciando as razões para as práticas observadas e prever no sentido de antecipar fenômenos contábeis não observados.

Para Zimmerman (2001), um dos precursores da corrente de pensamento conhecida como Teoria Positiva da Contabilidade, o *mainstream* contábil é demarcado pelo emprego de concepções econômicas predominantes nos Estados Unidos. Concepções estas, explica Bueno (2006), que estão fortemente apoiadas no positivismo econômico de Friedman (1967), cujas



raízes repousam em Keynes (1891), que por sua vez perpassam as ideias do pensador francês Auguste Comte (1798-1857).

De acordo com Hopwood (2007) as reflexões de Zimmerman formam a base do *mainstream* contábil e evidenciam a influência das linhas de pesquisa econômicas norte-americanas. Silva (2019) aponta que o *mainstream* contábil é uma versão do *mainstream* econômico americano, mas que no caso da contabilidade, ao não considerar as restrições de visão economicista da sociedade, tem a intenção de ser hegemônico.

Os pesquisadores contábeis com o objetivo de explicar e prever a prática contábil fazem uso do raciocínio dedutivo, como forma de construir mecanismos de predição das ações aceitáveis aos profissionais contábeis. A essência ontológica nos estudos contábeis é entender a realidade de forma objetiva, construindo, a partir deste entendimento, pesquisas teórico-empíricas baseadas em teorias que detém a aceitação da comunidade científica. Como resultado do uso da abordagem positivista, os pesquisadores contábeis esperam formular estudos capazes de serem falseados recebendo assim a legitimidade no campo científico (Bourdieu, 2004)

Seguindo uma tendência mundial iniciada nos Estados Unidos, a pesquisa em contabilidade no Brasil, a partir do começo dos anos 2000, empregou efetivamente a abordagem positivista na maioria dos seus trabalhos, como aponta a pesquisa de Theóphilo e Iudícibus (2005). Sobre esse aspecto, os autores (2005, p.165) comentam que: “os ‘estudos positivos em superfície’ passaram a ter forte predomínio nas escolhas dos pesquisadores. A mudança para esse tipo de estudo é natural, visto que ele representa um contraponto aos estudos ‘normativos em profundidade’, característica da fase anterior”.

Sobre a mudança de abordagem, Martins (2005, p. 3), ressalta que o Positivismo “virou símbolo de pesquisa científica em Contabilidade; o domínio da estatística e da matemática capazes de comprovar ou não hipóteses passou a ser tão importante (às vezes mais, infelizmente) quanto o conhecimento da Contabilidade propriamente dita”. Percebe-se assim, que os pesquisadores contábeis no Brasil passaram a considerar a abordagem positiva como um critério definidor na construção de seus trabalhos, ao utilizarem modelos estatísticos robustos que confirmassem as relações causais entre os procedimentos contábeis. Nesse sentido, ao darem ares de ciência natural aos seus trabalhos, os pesquisadores procuravam cientificizar a pesquisa contábil, numa tentativa de atribuir-lhe mais autoridade científica.

Para Homero Júnior (2017a, p. 325), a dominação da abordagem positivista pode ser interpretada pela falta de autonomia do campo de pesquisa contábil perante o campo profissional, visto que a organização da profissão ocorreu antes mesmo que cursos superiores fossem estabelecidos, e com isso “[...] as posições de destaque no meio acadêmico, ao longo dos anos, foram ocupadas por indivíduos com atuação destacada também no campo profissional [...]”. Desde a gênese a formação preparava para o mundo do trabalho prevaleceu os discursos do campo profissional sobre o campo acadêmico e científico, predominando a visão da teoria econômica neoliberal, fortemente ligada à abordagem positivista, compromissada com os interesses do mercado e do capital.

Ao analisar os fatos relatados até então sob a ótica de Bourdieu, é notório que os agentes dominantes do campo de pesquisa contábil no Brasil adotaram uma estratégia de conservação ao migrarem da abordagem normativa para a positiva, com o intuito de preservar e perpetuar a lógica estabelecida, no caso o discurso científico positivista. Sob a égide da autoridade científica instituída, a estratégia de conservação inclui o controle, a preservação e manutenção das instituições responsáveis pelos meios de ensino e circulação das pesquisas contábeis, corroborando com o habitus dominado pelo *modus operandi* positivista.

Necessário, portanto, apontar as limitações e críticas ao *mainstream* contábil. Para Chua (1986) o *mainstream* contábil assumiu um conjunto de pressupostos ontológicos sobre questões

científicas elementares que envolvem o que é a realidade, como se dá o acesso à verdade e qual o tipo de raciocínio científico que deve ser empregado na produção do conhecimento. Ao eleger esses pressupostos como a maneira padrão de se praticar a ciência contábil, automaticamente excluiu-se uma série de outros problemas a serem considerados e de métodos a serem empregados.

Baker e Bettner (1997) consideram que ao longo dos anos formou-se uma ciência contábil baseada no positivismo, fomentada exclusivamente em métodos quantitativos. Para os autores, na maioria dos casos, essa combinação produziu conhecimentos limitados à legitimação do poder institucional, fortalecendo mitos, mascarando conflitos e perpetuando uma ordem social falsa, não condizente com a realidade.

Na academia, Lukka (2010) afirma que uma das consequências marcantes da dominação da pesquisa positiva na contabilidade é o fato de pesquisadores não *mainstream* serem marginalizados, tanto nos espaços de pós-graduação, quanto nas chamadas dos meios de comunicação científica, os quais no interesse de sustentar o *mainstream* não aceitam outro tipo de pesquisa que não seja a pesquisa positivista. Para o autor (2010), esses mecanismos de dominação limitam a diversidade do pensamento contábil.

O fato de o *mainstream* contábil conduzir a pesquisas que consideram apenas aspectos ligados à economia, faz com que diversos outros temas importantes que devem ser tratados pela ciência contábil, sejam deixados de fora da discussão, como destacam Gray, Dillard e Spence (2013). Villers e Fouché (2015) asseguram que a limitação do olhar do pesquisador contábil positivista exclui e sufoca questões sociais, imprescindíveis para o debate contábil, que podem e devem ser trabalhadas através de perspectivas sociológicas, de forma a contribuir com a ampliação dos conhecimentos na área contábil.

Ao considerar a limitação da pesquisa contábil subordinada a aspectos econômicos, considerando uma perspectiva objetiva da realidade, Mendes, Fonseca e Sauerbronn (2020) entendem que há uma colonização das reflexões contábeis, que resulta em todo um processo que domina a forma de se entender a construção dos conceitos na contabilidade. Sobre esse processo, Hopwood (2007) evidenciou que o campo de pesquisa contábil americano é dominado por uma “elite” que procura sustentar o *status quo* acadêmico adquirido com a ascensão do positivismo na área. Já no Brasil, Homero Júnior (2017b) destaca que há um monopólio positivista da autoridade científica como uma característica marcante do campo de pesquisa contábil, evidenciando a colonização das reflexões contábeis pela dominação da pesquisa positivista.

Para Andrew, Cooper e Gendron (2020) a dominação no campo contábil procura marginalizar outras perspectivas que não se encaixem nas características tradicionais. Para os autores, ao sufocar outras ontologias e epistemologias cientificamente aceitas, que poderiam e deveriam ser mais bem aproveitadas na construção de novos conhecimentos contábeis, restringe-se o pensamento contábil.

### 3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Considerando os pressupostos ontológicos da dimensão da realidade subjetiva, construída a partir da relação entre os seres humanos, e transmitida e desenvolvida em um contexto essencialmente social (Crotty, 1998), esta pesquisa se constitui como crítica, de abordagem qualitativa, tendo como proposta metodológica a realização de uma entrevista em profundidade, a fim de identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de novas pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática.

Os significados encontrados a partir da pesquisa qualitativa levam em conta os aspectos



subjetivos, ou seja, a pesquisa qualitativa deve interpretar o que passa na mente consciente e/ou inconsciente do sujeito, levando em consideração as regras, normas e crenças compartilhadas por esse sujeito com as pessoas inseridas em seu contexto sociocultural. O pesquisador qualitativo está interessado no processo e não apenas nos resultados, tendo o interesse em analisar como determinada ação se manifesta, seus procedimentos e interações diárias. Isso porque “Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações”. (Godoy, 1995, p. 63).

Nas ciências sociais, a entrevista em profundidade é uma metodologia muito utilizada para captar as percepções ou pontos de vista das pessoas, fornecendo ao pesquisador novas perspectivas sobre determinado assunto. O ponto de partida para essas novas percepções são as construções sociais existentes, que constituem a realidade essencial das pessoas. Através da entrevista em profundidade o pesquisador consegue formar esquemas interpretativos que o ajudam a entender e analisar a fala do entrevistado, fornecendo subsídios para que ele possa responder suas indagações e alcançar os objetivos propostos na pesquisa, compreendendo assim, de forma detalhada, as crenças, motivações, atitudes e valores que compõem o comportamento das pessoas em contextos sociais específicos (Bauer & Gaskell, 2000; Duarte, 2005).

A interpretação será feita a partir dos preceitos da Análise do Discurso. De acordo com Caregnato e Mutti (2006) a Análise do Discurso não é uma metodologia em si, mas sim um caminho de interpretação baseado na confluência de diferentes áreas do conhecimento, como a linguística e a psicanálise, que considera os discursos dos sujeitos inseridos num contexto social e histórico mais amplo. Nesse sentido, os autores (2006, p. 680-681) afirmam que a Análise do Discurso:

(...) trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio-histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.

A partir do exposto, é possível perceber uma convergência entre os fundamentos da Análise do Discurso e as proposições teóricas de Bourdieu utilizadas na pesquisa. Os diferentes aspectos que perpassam a enunciação dos discursos (ideologias, história, linguagem) estão associados à própria constituição do campo, do habitus e do capital, permitindo que, por meio da Análise do Discurso realizada a partir da entrevista evidenciar as tensões e os entraves sofridos pela pesquisadora entrevistada.

A professora e pesquisadora Sandra Maria é doutora pelo Programa de pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da FEA/USP (2016), possui mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia (2007) e têm duas especializações: uma em Administração Pública (1996) e outra em Economia e Gestão Pública (2003), ambas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, onde também se graduou em Administração em 1994. Ela é cofundadora do Núcleo FEA-USP de Pesquisa em Gênero, Raça



e Sexualidade (GENERAS) e integra a rede Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA). Atualmente é Assessora Especial de Políticas Afirmativas e professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana e na Faculdade Anísio Teixeira, no curso de Administração.

Após a leitura do artigo ‘Nenhum saber a menos!’ (2019), que narra sua trajetória acadêmica no doutorado e aponta a importância de novas possibilidades de abordagens na contabilidade, optou-se por convidar a professora e pesquisadora Sandra para uma entrevista. Mandamos um e-mail que rapidamente foi respondido, no qual ela se colocava à disposição para colaborar com a pesquisa. No dia da entrevista foi solicitada sua autorização para gravar nosso encontro e perguntado, e autorizado pela mesma, se poderíamos identificá-la na pesquisa, pois consideramos importante e enriquecedor para o trabalho atribuir a verdadeira identidade da entrevistada aos seus relatos, suas opiniões, suas ideias, enfim... sua história de vida.

#### 4. ENTRAVES E TENSÕES: UMA PESQUISA NÃO MAINSTREAM

A seguir, a análise da entrevista concedida pela professora doutora Sandra Maria, em que procuramos destacar pontos considerados relevantes e que corroboram com o objetivo desta pesquisa. Usamos em alguns momentos também dizeres escritos pela docente, em seu já citado artigo, como o seguinte:

A ideia era construir uma tese falando de mulheres e de raça na contabilidade, na abordagem qualitativa e na perspectiva crítica. Uma proposta a princípio, inaceitável. Sobretudo para a escola dos professores. Um ambiente que só percebe como válida as pesquisas que se mantêm no *mainstream*, como pesquisas quantitativas, positivistas e pós-positivistas. Desta forma, foram continuamente utilizadas diferentes formas para tentar desqualificar o projeto. Diante das reações de resistência à temática inovadora escolhida fora necessário estabelecer estratégias para manter a reflexão e demonstrar a validade da pesquisa. (Silva, 2019, p. 120)

Apresentamos essa primeira citação, pois nos identificamos com sua fala e foi a partir dessa mesma percepção que tivemos a ideia de produzir um trabalho que relata suas dificuldades como pesquisadora interpretativista e crítica no campo de pesquisa contábil, à luz dos conceitos teóricos de Bourdieu, trazendo a tona suas dificuldades de inserção no campo, os tensionamentos sofridos em diversos momentos da sua trajetória e suas estratégias para subverter a dominação imposta e fomentar a ampliação multiparadigmática do campo de pesquisa contábil.

Devemos ressaltar que no caso da pesquisadora essas dificuldades ao longo de sua trajetória formativa vão muito além da escolha paradigmática. Por ser uma mulher, mãe e negra, a pesquisadora Sandra Maria relatou, sem querer se aprofundar muito, episódios de racismo, sexismo e falta de apoio. Disse também que em alguns momentos as dificuldades da sua escolha paradigmática se juntavam com essas outras dificuldades e tornavam a problemática ainda maior. Os relatos da entrevistada em relação aos enfrentamentos de dificuldades, em especial, enquanto cursava a pós-graduação demonstram sua força de vontade de conquistar seu objetivo e evidenciam que os problemas advindos de escolhas metodológicas diferentes do *mainstream* da contabilidade são muitos e devem ser tratados e superados através da pesquisa e do engajamento participativo dos agentes que constituem o campo.

Durante a formação da professora Sandra Maria, ela teve contato com a Ciência Contábil somente no doutorado, tendo feito seu mestrado, especialização e graduação em outras áreas do conhecimento, ainda que, entre suas experiências iniciais como docente concursada tenham sido em turmas de contabilidade. Não teve nesses cursos contato com questões ontológicas e epistemológicas, relata apenas ter cursado algumas disciplinas que abordavam



aspectos metodológicos. Mesmo no seu mestrado, no qual trabalhou com pesquisa qualitativa e pesquisou políticas públicas locais e regionais, não teve uma formação epistêmica aprofundada.

Pouco antes de iniciar o “criterioso processo seletivo” para o doutorado, Sandra Maria fez um curso oferecido pela universidade em que trabalha, tendo seu primeiro contato com a abordagem crítica e com as questões ontológicas e epistemológicas da pesquisa. Para a pesquisadora ter trabalhado com pesquisa qualitativa no mestrado e ter feito o curso sobre a abordagem crítica foram escolhas determinantes para que no doutorado sua proposta de pesquisa fosse trabalhar com pesquisa crítica introduzindo a discussão sobre mulheres e raça na contabilidade.

Acreditamos que a formação acadêmica em outras áreas do conhecimento contribui para uma visão paradigmática para além do positivismo contábil, pois no caso da professora Sandra Maria essa formação acadêmica diversa foi preponderante para suas escolhas metodológicas, epistemológicas e ontológicas. Percebemos, como característica do campo, que a formação acadêmica em contabilidade para aqueles discentes que fazem a graduação, mestrado e doutorado em Ciências Contábeis, chamados de “puro sangue”, é direcionada para o uso ‘quase que’ contínuo, e em alguns casos irrefletido, do método quantitativo positivista. De tal forma que não lhes é oportuno ou interessante conhecerem e utilizar outras abordagens que não seja a positivista, assim como, entender aspectos ontológicos e epistemológicos que perpassam os diferentes tipos de pesquisa.

Para além das citações dos artigos científicos que discorrem sobre o tema, nós vemos esse aspecto nas falas da professora Sandra Maria, ao relatar que havia uma valorização dos alunos “puro sangue” e que isso era visto como algo superior, inclusive por seus colegas de sala. Tanto que sua turma de doutorado era composta na sua maioria por homens que tinham a abordagem positivista como pressuposto norteador de suas pesquisas. Essa percepção da entrevistada é corroborada pelos dizeres de Bourdieu (2004), os quais reforçam que a dominação do campo de pesquisa contábil pelo paradigma funcionalista positivista é evidente e a manutenção do status quo é cômoda, tanto para aqueles que estão em posição de dominação no campo, tanto para outros, que prezam por essa continuidade, para que possam entrar no campo e conquistar seu espaço (Bourdieu, 2004).

Ao entrar no doutorado em contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), após um “difícil processo de seleção”, e tendo como ponto de partida um projeto de pesquisa na perspectiva crítica, a pesquisadora enfrenta as primeiras dificuldades e começa a perceber como são as regras do jogo na pós-graduação em contabilidade da FEA-USP, ao pedir, em momentos distintos, para que dois professores do programa de pós-graduação lessem e contribuíssem com seu projeto de pesquisa. Do primeiro professor recebe como resposta um questionamento sobre a autoria do projeto. A entrevistada relata como foi esse momento e tudo que está relacionado a esse questionamento:

Envolve várias questões. **Envolve o racismo de cara** por conta da leitura, do questionamento da capacidade da pessoa. Então assim, meu primeiro projeto, o professor que eu pedi que desse uma lida, e me desse um retorno, falou assim... **É difícil falar disso...** Assim, ele disse que: “não é possível que você em tão pouco tempo escreveu esse projeto, nessa qualidade, nessa densidade!” **Eu fiquei completamente sem chão**, mas eu peguei o referencial teórico, naquele momento ele tinha quatro páginas, eu falei para ele de cada uma das referências, e como é que aquela referência aparecia no meu trabalho. **Porque não é uma coisa fácil**, eu ouvir a pessoa dizendo que alguém fez pra mim, que eu não tinha feito meu trabalho [...].



Nesse momento a entrevistada coça sua cabeça e olha para o alto, é nítido seu desconforto em lembrar esse episódio.

Em um segundo momento entrega seu projeto de pesquisa para outro professor da pós-graduação, que após a leitura lhe responde: “*Pare de ler na cartilha do PT!*”. Sandra argumenta que o professor e as outras pessoas do programa de pós-graduação não estavam habituadas a pensar em outro tipo de pesquisa que não as ligadas ao mercado e que por seu projeto de pesquisa tratar de questões sociais acabou recebendo duras críticas. Ao tentar entender o porquê das críticas ao seu projeto, a professora evidencia o funcionamento de um elemento do habitus do campo de pesquisa contábil que tende a rechaçar qualquer outro tipo de pesquisa que não seja a dominante.

Essa característica do habitus aparece também em outro momento das falas de Sandra quando relata que havia na contabilidade, no seu caso dentro do programa de pós-graduação da FEA-USP, uma forte orientação para o desenvolvimento de pesquisas quantitativas com foco na internacionalização. O questionamento feito é: será que essa forte orientação para a produção de pesquisas quantitativas não pode ser entendida como uma coação dos professores do programa para com os pós-graduandos?

A obrigatoriedade de cursar a disciplina de métodos quantitativos que havia no programa de pós-graduação que a entrevistada cursou é indicativo desse caminho orientado para o positivismo. Por isso, avaliamos que discentes tem potencial, se tiverem persistência, para fazerem uma pesquisa utilizando uma abordagem não *mainstream*, mas primeiro terão que “pagar um pedágio” e depois superar os diversos entraves que aparecerão no seu caminho.

Outro obstáculo que a professora Sandra Maria teve que superar refere-se às críticas e a falta de apoio de docentes e alguns dos seus colegas de sala. Ela argumenta que o ambiente da FEA-USP era muito difícil e que eram poucos os discentes que experimentaram outras possibilidades de pesquisa. Em determinados momentos a então doutoranda escutou que seu trabalho “[...] não era científico, que era lixo, que estava lendo na cartilha da esquerda [...]”. Essas impressões por parte dos outros pós-graduandos do programa de pós-graduação em contabilidade da FEA-USP demonstram o processo de internalização das concepções criadas pelo campo, que tem somente a pesquisa quantitativa positivista como válida, de como estas ideias são absorvidas e replicadas por discentes. Uma vez captadas e agenciadas, estas pessoas se submetem à influência e ao domínio dos agenciadores, e ajudam a perpetuar o jeito de ser do campo (Bourdieu, 2004; Wacquant, 2007).

Externamente, fora do ambiente do FEA-USP, a pesquisadora também encontrou dificuldades em conseguir divulgar sua pesquisa em congressos e em periódicos da área. Ela comenta que algumas vezes não recebia sequer um parecer, apenas uma informação dizendo que seu artigo não se encaixava nos moldes do evento ou do periódico. Em outros casos, ao apresentar seu projeto em alguns consórcios doutorais ouvia “comentários perversos e desalentadores” (Silva, 2019, p. 120). A entrevistada relembra também que recebeu como resposta de um periódico que seu trabalho era “ativismo” e não uma pesquisa, que o editorial da revista não tinha interesse. Sobre esse episódio ela comenta: “*eu respirei e deixei fluir, porque era um trabalho que já tinha sido qualificado e aceito em outros espaços [...]*”.

Dentre as dificuldades relatadas pela professora Sandra Maria na entrevista, a que mais lhe causou dor e indignação foi a rejeição de uma bolsa de estudos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Ela havia se mudado para São Paulo enquanto cursava o doutorado e deixado sua filha pequena, de apenas 4 anos, com seus pais na Bahia e ia estar com familiares somente uma vez por mês, pois não tinha condições financeiras de trazer sua filha para morar com ela em São Paulo. A bolsa de estudos ajudaria a entrevistada a se manter em São Paulo e ajudar a sua família na Bahia. A causa de sua indignação é o parecer



sobre a não aprovação da bolsa, no qual, segundo a professora, o relator escreve “*uma página e meia de elogios ao projeto e logo em seguida diz que aquele conteúdo não era contabilidade.*”

A professora entrou com um recurso contestando o parecer e evidenciando o ineditismo da pesquisa no Brasil e as qualidades do projeto que o próprio relator destacou, além de apresentar várias pesquisas internacionais que estavam tratando sobre o mesmo tema na contabilidade. Como resposta, é informada que não havia recursos suficientes para a concessão da bolsa. Tenta novamente um outro recurso que também é recusado. A entrevistada conclui esta passagem comentando que:

**Isso foi muito denso, foi difícil assimilar! Por que eu não recebi aquela bolsa?** Com base no parecer inicial que reconhecia a qualidade do projeto e com base no meu questionamento, onde mostrei o ineditismo e que esse tipo de pesquisa já tava (*sic*) sendo realizada, já tinha várias publicações fora do Brasil, então você vê que **há questões outras para a pessoa receber a bolsa além da qualidade da pesquisa.** Que a gente não é ingênuo de saber que tem. **Mas aquilo ali apareceu de uma maneira muito forte.**

Sua fala nesse momento é pausada e pesarosa, suas expressões faciais são um misto de revolta e tristeza, Sandra Maria sabe o quanto aquela bolsa poderia ter lhe ajudado naquele momento. Percebo também na sua fala, que além das questões que envolvem a escolha paradigmática, junta-se a essa, novamente, o racismo e o sexismo, o que potencializa suas emoções.

Sobre este episódio vivenciado pela entrevistada, alguns questionamentos surgem: o que é a contabilidade? Quem determina o que é ou não contabilidade? E quem determina quais assuntos podem ou não ser tratados pela contabilidade? A reflexão sobre esses questionamentos nos leva a pensar até que ponto o pensamento monoparadigmático dentro da contabilidade limita a produção diversa do conhecimento sobre vários temas que podem e devem ser tratados pela Ciência Contábil, além de cercear o desenvolvimento pessoal e coletivo dos sujeitos, fazendo com que eles percam oportunidades diversas. Isso porque ao restringir seu campo de ação às questões de mercado e de capital, o *mainstream* contábil deixa de fora da discussão temas sociais importantes para a vida em uma sociedade que precisa ser mais justa e igualitária.

Ao tratar sobre gênero e raça na contabilidade, entrevistada utilizou em seu trabalho diversos autores(as) críticos(as) que foram essenciais para a sua discussão como: Silvia Casa Nova, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Artur Nascimento, Chua, Gendron, Paulo Freire, David Carter, entre outros. A entrevistada destaca o papel de sua orientadora na condução de sua pesquisa, ao relatar que sem ela não teria seguido esse caminho e o quanto ela foi essencial para sua formação ao dar suporte e ajudar a garantir a realização do seu trabalho. Particularmente, entendemos que essas referências demonstram que o contato da contabilidade com outras áreas do conhecimento é um elemento fundamental para que haja uma ampliação paradigmática do campo da pesquisa contábil, com a incorporação de autores que vêm discutindo as relações sociais por meio de vertentes críticas e qualitativas, permitindo que a contabilidade fique menos isolada cientificamente. Ademais, pensamos que é urgente o reconhecimento da comunidade científica de forma geral de que a contabilidade é ciência social aplicada e, justamente por isso, trata com ‘gente’ que é preta, branca, mulher, homem, cisgênero ou transgênero, com ou sem deficiência, e por isso precisa dialogar com outras temáticas e outras áreas do conhecimento, para levar o(a) contador(a) a pensar e agir social e criticamente, e principalmente de forma inclusiva.

Questionada sobre as estratégias que ajudam a ampliar espaços dentro do campo e fomentar possíveis mudanças, Sandra Maria ressalta novamente a importância da orientação no



processo de construção da pesquisa, destacando o quanto isso foi fundamental no seu caso e acrescenta dizendo que é importante que:

[...] as pessoas que estão à frente da orientação, à frente dos programas, não se fechem para possibilidades. Às vezes a pessoa fala... mas eu não conheço, eu não domino, como é que eu vou orientar? Mas eu acho que **boa vontade faz muita diferença né?! É** uma coisa que as pessoas podem construir juntas, a pessoa pode se oportunizar para conhecer a possibilidade. Porque muitas vezes a pessoa se fecha e talvez haja uma leitura de que ela terá mais trabalho (...).

Concordamos com a fala da entrevistada que deve haver uma boa vontade do(a) orientador(a) positivista para conduzir uma orientação, que por escolha do discente, opte pela abordagem diferente da sua, como no caso da interpretativista ou crítica e que esses docentes não se fechem para outras possibilidades de pesquisa. Para tanto, docentes precisam, no mínimo, reconhecer as pesquisas críticas e interpretativistas como científicas e como produtoras de conhecimento de qualidade. Diante disso, levantamos outros questionamentos na forma de provocações: será que os(as) dominadores(as) do campo de pesquisa contábil têm interesse em mudar? Em sair da sua zona de conforto e não se fecharem para outras possibilidades de pesquisa? Particularmente, vimos poucos casos e na maioria das vezes o que acontece são pesquisadores positivistas produzindo pesquisas com metodologia qualitativa sem, no entanto, abandonar a abordagem mainstream (Magrini, Santos, Silva & Soares, 2021).

Outra estratégia relatada pela entrevistada é a iniciativa de diversos colegas pesquisadores que procuram fomentar a abordagem interpretativa e crítica nos seus programas de pós-graduação e que também formam uma rede de apoio. A pesquisadora Sandra Maria destaca a Rede Qualitative Research and Critical Accounting - QRCA, ao dizer que:

Tem aí todo encaminhamento de Congressos para publicações, de redes de contato. **É um avanço muito grande**, pois é uma rede que é na América Latina, mas não só na América Latina [...]. E aí nós estamos falando da massa crítica né, para que daí essas informações possam ser disseminadas.

Acreditamos que as iniciativas individuais e em grupo, junto com a formação de uma rede de apoio sejam importantes para fomentar e ampliar os espaços das abordagens interpretativa e crítica dentro do campo de pesquisa contábil no Brasil. Concordamos com a entrevistada ao dizer que a rede QRCA é um avanço muito grande no sentido de buscar a equidade paradigmática.

Por fim, Sandra Maria relata que em sua opinião está crescendo o número de pesquisadores interpretativistas e críticos no Brasil e na América Latina, mas que apesar do avanço, ainda é um número muito pequeno. Ressalta que é preciso condições para a realização das pesquisas e aumento das discussões sobre o tema nos programas de pós-graduação e também na graduação, com a oferta de disciplinas que possibilitem o aprendizado de outras formas de ler e de construir o conhecimento. Para ela, essas discussões sobre outras abordagens de pesquisa vêm aumentando cada vez mais nos congressos, com a apresentação de trabalhos críticos e interpretativos de qualidade e que ainda existe uma demanda reprimida de temas que fogem das questões mercadológicas a serem tratados pela contabilidade.

Ao final da entrevista a pesquisadora Sandra Maria diz em um tom otimista sobre o aumento da diversidade das abordagens no campo da pesquisa contábil: *“É bom (...), tá dando certo, funciona, é muito necessário, são muitas vezes sufocadas que precisam de espaço!”*

A riqueza das respostas da entrevistada Sandra Maria demonstra que o contato com as trajetórias formativas dos pesquisadores críticos e interpretativistas será fundamental para que possamos entender como o campo da pesquisa contábil brasileira se estrutura, permitindo que identifiquemos as principais influências teóricas e conceituais que contribuem para a busca do



alargamento paradigmático, bem como os tensionamentos vividos ao longo desta busca e as estratégias que vêm sendo utilizadas para que esse alargamento possa ser efetivado.

## 5 REFLEXÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de novas pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática. A partir de uma entrevista em profundidade analisada à luz dos conceitos teóricos de campo, habitus e capital de Pierre Bourdieu. Buscamos nas falas da pesquisadora Sandra identificar e compreender como os tensionamentos e entraves sofridos por ela geraram dificuldades que tiveram que ser superadas para que ela pudesse construir sua trajetória acadêmica e profissional.

Suas falas evidenciam como o discurso e as práticas monoparadigmáticas ainda são presentes e dominantes no campo de pesquisa contábil e que, cada vez mais, são necessárias estratégias de superação e ampliação para a constituição de um campo de pesquisa contábil multiparadigmático. Este artigo procura contribuir com essa superação ao compreender como o pensamento e as ações ligados ao *mainstream* reproduzem preconceitos e tentam invisibilizar as perspectivas que buscam ampliar o horizonte teórico e metodológico da pesquisa contábil.

Diante das constatações feitas a partir da fala da pesquisadora, acreditamos que é necessário a ampliação de discussões sobre paradigmas de pesquisa, e, com isto ações que visem diversificar o repertório científico da contabilidade e que busquem garantir o diálogo construtivo entre pesquisadores que utilizam diferentes abordagens. Assim, elencamos algumas ações importantes: a) promover práticas que garantam o respeito ao contraditório nas diferentes etapas formativas no campo da contabilidade, estimulando a diversidade e a convivência entre as diferentes de formas de se compreender a realidade; b) investir no caráter de multiplicidade paradigmática na formação dos pesquisadores e professores no campo contábil, evidenciando as características positivas e negativas tanto do positivismo quanto das perspectivas interpretativas e críticas; c) estimular, nos programas de pós-graduação e nos programas de iniciação científica, a realização de pesquisas interpretativas e críticas e; d) incentivar uma política editorial que contemple a publicação de artigos com abordagens diferentes do *mainstream*.

Junto a isso é importante reconhecer a relevância da utilização da sociologia de Bourdieu nas ciências sociais aplicadas, em especial, nas Ciências Contábeis, pois, para o autor, é necessário “compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram” para explicar os “atos dos produtores e as obras por eles produzidas [...]” (Bourdieu, 2007, p. 69). Assim, esta pesquisa evidencia como os agentes dominantes do campo agem e como é necessária a criação e mudança de práticas que fomentem a outras regras para o jogo.

Para trabalhos futuros sugerimos a ampliação do número de entrevistas com outras pessoas pesquisadoras “fora da caixa” e que este estudo possa ser aplicado em outras áreas do conhecimento contábil, ampliando a gama de estudos sociológicos e contribuindo para um melhor entendimento do campo de pesquisa contábil.

## REFERÊNCIAS

Andrew, J., Cooper, C., & Gendron, Y. (2020). Critical perspectives on accounting and journal rankings: Engaging in counter discourses and practices. *Critical Perspectives on Accounting*, 71, 102–169.



- Baker, C. R., & Bettner, M. S. (1997). Interpretive and Critical Research in Accounting: A Commentary on Its Absence From Mainstream Accounting Research. *Critical Perspectives on Accounting*, 8(4), 293–310.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). (2000). *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research*. Sage.
- Baxter, J., & Chua, W. F. (2003). Alternative management accounting research - Whence and whither. *Accounting, Organizations and Society*, 28(2–3), 97–126.
- Bilhim, J. A. F. & Gonçalves, A. O. (2021) Abordagens epistemológicas e pluralismo na pesquisa em contabilidade: para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 28-44.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (1989). *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. O poder simbólico. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (2003) Algumas propriedades dos campos. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo, SP: Unesp.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. J. D. (1992). *An invitation to reflexive sociology*. Chicago, IL: University of Chicago Press
- Bueno, A. F. (2006). Contabilidade positiva ou positivista? Algumas reflexões. *Revista de Estudos Universitários-REU*, 32(1).
- Cardoso, R. L., Oyadomari, J. C. T., & de Mendonça Neto, O. R. (2007). Influências da positive accounting nos programas de mestrado em contabilidade: uma análise bibliométrica da produção acadêmica de 2002 a 2005. *BBR-Brazilian Business Review*, 4(2), 158-170.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 15, 679-684.
- Chua, W. F. (1986). Radical Developments in Accounting Thought. *Accounting, the Social and the Political*, 61(4), 55–66.
- Colander, D., Holt, R. P. F., & Rosser, J. B. (2004). The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, 16(4), 485–499.
- Crotty, M. J. (1998). The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process. *The foundations of social research*, 1-256.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2007). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. São Paulo: Artmed.
- Duarte, J. (2005). Entrevista em profundidade. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 1, 62-83.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14, 139-152.
- Garnica, A. V. M. (2004). História oral e educação matemática: um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 2(1), 137-160



- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e de grupos. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 64-89
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, 35, 57-63.
- Gray, R., Dillard, J., & Spence, C. (2013). Pesquisa em Contabilidade Social como Se o Mundo Importasse Um ensaio sobre nostalgia e um novo absurdismo. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 7(17), 119–133.
- Hernández, J. D. C. (2018). Exhortación por una perspectiva crítica de investigación en contabilidad coherente. *Revista Visión Contable*, (17), 159-184.
- Homero Junior, P. F. (2017a). A Constituição do Campo Científico e a Baixa Diversidade da Pesquisa Contábil Brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 11(3), 314–328.
- Homero Junior, P. F. (2017b). Paradigma E Ordem Do Discurso Da Pesquisa Contábil Brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(1), 039–053.
- Hopper, T., & Powell, A. (1985). Making sense of research into the organizational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions. *Journal of management Studies*, 22(5), 429-465.
- Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *Accounting Review*, 82(5), 1365–1374.
- Iudícibus, S. de, Martins, E., & Carvalho, L. N. (2005). Contabilidade: aspectos relevantes da epopéia de sua evolução. *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(38), 7–19.
- Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99.
- Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, 21(2), 110–115.
- Magrini, V. O., Santos, G. C., Silva, M. A. & Soares, E. C. (2021) *Análise Epistemológica do 3º Congresso UFU de Contabilidade*. 4º Congresso UFU de Contabilidade, Uberlândia, MG.
- Major, M. J. (2017). O positivismo e a pesquisa ‘alternativa’ em Contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28, 173-178.
- Martins, E. (2005). Normativismo e / ou Positivismo em Contabilidade : Qual o Futuro ? *Revista Contabilidade & Finanças*, 39(3), 1.
- Medeiros, J. D. S. (2017). Abordagem bourdieusiana para uma análise de campo: um enfoque para a comunicação científica e o acesso aberto. *Em Questão [recurso eletrônico]*. Porto Alegre. 23(2), 98-119.
- Mendes, D., Fonseca, A. C. P. D., & Sauerbronn, F. F. (2020). Modos de ideologia e de colonialidade em materiais didáticos de Contabilidade. *Education Policy Analysis Archives*, 28(99), 99.
- Power, M. K., & Gendron, Y. (2015). Qualitative research in auditing: A methodological roadmap. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 34(2), 147-165.





Silva, S. M. C.(2019) Nenhum Saber a Menos!. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 120-124.

Theóphilo, C. R., & Iudícibus, S. de. (2009). Uma Análise Crítico-Epistemológica da Produção Científica em Contabilidade no Brasil. *Contabilidade Gestão e Governança*, 8(2).

Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, 40, 27-53.

Villiers, R. R. de, & Fouché, J. P. (2015). Philosophical Paradigms and Other Underpinnings of the Qualitative and Quantitative Research Methods: An Accounting Education Perspective. *Journal of Social Sciences*, 43(2), 125–142.

Vogt, M., SILVA, M. Z. D., & Valle, I. R. (2021). “Comendo pelas beiradas”: vigilância epistemológica e a abordagem Bourdieusiana no campo contábil. *Cadernos EBAPE. BR*, 19, 58-69.

Wacquant, L. (2007). Notas para esclarecer a noção de habitus. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 6(16), 6-17.

Zimmerman, J. L. (2001). Conjectures regarding empirical managerial accounting research. *Journal of Accounting and Economics*, 32(1–3), 411–427.